

Rocco Malatacca

TU FALAS COMO EU

A Sagrada Escritura é uma inteligência artificial



Original:
Rocco Malatacca, Tu parli come me
© 2024 Edizioni Città Nuova
Via Crescenzo, 43 - 00193 Roma

Capa:
Romão Figueiredo

Tradução:
Odete Alves

Paginação:
Editorial Frente e Verso

Impressão e acabamentos:
Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-36701-2-5
Depósito legal n.º 570679/26

Outubro de 2026

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso
Rua S. Barnabé, 32 | 4710-309 Braga | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

INTRODUÇÃO

De manhã acordamos, pedimos à *Alexa* que mantenha as luzes suaves e nos acompanhe com um agradável Einaudi como pano de fundo enquanto lavamos os dentes, pegamos no *iPhone* e verificamos as redes sociais enquanto preparamos o café, e vamos para o trabalho com o *Spotify* por *bluetooth*. Para que tudo isto funcione numa coordenação perfeita, há uma tecnologia que opera silenciosamente em *background* e mantém as operações em movimento. No nosso pequeno mundo. Agora imagina, em grande escala, os movimentos do comércio, as operações bancárias, a produção de medicamentos e de maquinaria hospitalar e bélica, integrados nesse grande mecanismo que é o mundo e que funciona se tudo gira com a precisão de um relógio suíço (ou de um computador quântico). Embora projetos de inteligência artificial como o *Google Brain* e o *Cortana* da *Microsoft* sejam amplamente conhecidos, é possível que já te tenhas servido várias vezes de alguma *tool-IA* sem o saberes. Comércio. Sistema bancário. Saúde. Sistema de segurança. Educação. A inteligência artificial é esse coordenador que permite gerir este grau de complexidade: se gostas do mundo que construímos, lamento, mas não é possível simplificá-lo. O gesto mais simples é já o efeito da gestão do complexo. Precisamos da tecnologia.

Ao mesmo tempo, falar de tecnologia não é sexy. O anúncio sobre a inteligência artificial desperta interesse pelo uso, curiosidade, fascínio, mas quando temos de discutir o que é e como funciona, o assunto arrefece. Atualmente, a *OpenAI* é a referência da inteligência artificial e uma empresa pioneira. Terás ouvido falar do *ChatGPT4* e, de forma mais geral, da tecnologia GPT para *chatbots* capazes de interagir com um utilizador de forma semelhante à interação humana. Durante algum tempo, a *Google* ficou um pouco para trás; com os projetos *RankBrain* e *TensorFlow* tem vindo a desenvolver plataformas para melhorar o sistema de pesquisa, que constitui o seu principal domínio, mas com o *Gemini* pretende competir com a *OpenAI*. As *tool* que são propostas, como o *GoogleBard* ou o *Jasper.ai*, são processadores de texto, com capacidade de compreensão da linguagem natural e gestão de diálogos. As indústrias estão a adotar a inteligência artificial e a aprendizagem automática em larga escala, para organizar e gerir um *todo* automatizado, que devora toneladas de informação por dia e administra sistemas complexos. A nossa sociedade interconectada reúne o ser humano, pela primeira vez desde a pré-história, numa humanidade unificada; contudo, precisamos de uma tecnologia que nos permita habitar esta experiência.

Servimo-nos dela. Apesar do grande receio de que nos possa levar demasiado além daquilo que é humano, precisamos dela. É um risco que queremos correr, porque todos temos a sensação de que, até agora, enquanto estávamos habituados a ser apenas nós próprios, perdíamos algo da nossa humanidade. O indivíduo perdia-se

na sua privacidade e o espaço público que criava era anónimo, porque ele próprio era anónimo. Agora, em rede, a nossa humanidade está a esforçar-se por ter um rosto, mas também por construir uma humanidade dentro da qual seja possível ser *alguém*. A tecnologia não está apenas a fazer o nosso mundo funcionar como deve ser, está a fazer funcionar melhor o ser humano. Nós.

E, então, a que é que chamamos tecnologia? Nenhum de nós chama «tecnologia» a um martelo, referimo-nos a ele como instrumento ou utensílio. Entra na categoria dos artefactos, mas não vai além disso, porque, conscientemente ou não, chamamos tecnologia a um *software*, a algo feito de linguagem; e é por isso que um animal, mesmo entre os primatas mais evoluídos, cria instrumentos e utensílios, mas não cria nenhuma verdadeira tecnologia, porque nós temos a palavra e o macaco não.

A palavra é a verdadeira tecnologia: este é o ponto de partida deste livro. Demos a linguagem a uma máquina e chamamo-la linguagem de programação, com a qual uma máquina pode executar tarefas, criar uma interface com o utilizador e interagir com ele. *Smartphone. App*. Falamos de funcionalidades, é certo, mas continua a ser apenas linguagem. Nós temos a linguagem desde sempre ou, pelo menos, desde que a memória histórica o permite, e está tão unida ao nosso intelecto que não nos apercebemos *do que é* verdadeiramente, nem de *como* funciona realmente, nem de qual é o seu verdadeiro potencial. Sobretudo da sua autonomia, de certo modo, em relação a nós. Mas damos a nossa linguagem à máquina, desligamo-la de nós, mudamos de suporte e vemos do

que se trata realmente. Demos a nossa linguagem à máquina como se fosse dela e prolongamos nela aquilo que é nosso. Criámos uma inteligência artificial. Ou, então, é a palavra a verdadeira tecnologia, que constrói artificialmente a inteligência?

1. *RESET*

O mundo tecnológico é o agora, porque a rede colocou-nos em rede. Onde quer que estejamos, estamos no centro do mundo; a qualquer momento somos alcançáveis: um *reset* do espaço e do tempo. Estamos a viver uma experiência coletiva para a qual não estávamos preparados, porque só nos resta o humano, como se o céu e a terra de antes tivessem passado e nem sequer nos tivéssemos apercebido. De repente, na rede; e esta é uma modalidade de viver à qual não estávamos habituados. Aliás, pela primeira vez apercebemo-nos (ou estamos a aperceber-nos) de que existe um modo de vida no qual é possível viver, ao lado de outros modos de vida.

O que é um modo de vida?

Até agora: costumes. Um modo mais ou menos comum de falar, que nos permite compreendermo-nos, um modo de cozinhar a massa, um modo de organizar as coisas antes do casamento ou um modo de cumprimentar as pessoas na rua. Um conjunto de hábitos não escritos que aproximavam pessoas habituadas a relacionar-se entre si e não habituadas a um intercâmbio com o exterior. Na aldeia vivíamos da própria aldeia: quando falávamos de costumes, referíamos-nos aos «costumes»

comuns a um determinado lugar. É claro que, ao deslocarmo-nos para a cidade, o modo de falar era diferente, a língua passava a ser a nacional, a forma de pronunciar as palavras mais trabalhada, o modo de cozinhar variava entre arroz, batata e mexilhão em Bari, *pizza* em Nápoles ou *cassata* na Sicília. O modo dizia respeito às práticas partilhadas por pessoas que viviam num mesmo lugar. Tipicidades.

Agora. Com o advento da *internet*, encontramos-nos envolvidos na rede. Todos. Já não existes, se não estiveres conectado. Isto não é um costume, isto significa que, se estás desconectado, não fazes parte desta grande rede tão larga quanto a humanidade; é como experimentar que só és parte da humanidade se estiveres em rede com os outros seres humanos. Isto não é um costume. Aqui não há tipicidade alguma, nenhuma localidade. Isto é uma experiência: falar de modalidades de viver refere-se ao modo como a nossa própria vida é configurada.

A vida pode ser configurada, hoje. E, se necessário, reconfigurada. Conectada ou desconectada. A vida muda com base nas configurações e, dependendo de como a configuras, funciona. Não podes mudar de repente de modalidade, caso contrário a melhor versão de ti mesmo é apenas mais um perfil *fake*, em que o primeiro enganado és tu (e por ti próprio). Pela primeira vez, a nível social, podemos tomar consciência de que há um modo de viver que nos constrói de uma maneira e outro modo, alternativo, que nos constrói de outra. O *setup* conta.

Tens de configurar a tua vida e, se queres ter uma, tens de a construir.

Tens de te construir a ti mesmo.

Há uma alteração que atingiu profundamente a nossa vida e a reconfigurou. Em profundidade. É a rede. Colocou-nos em rede. Agora, existimos em rede. Chegou ao mais fundo porque nos deu uma experiência de vida interconectada, na qual o intercâmbio de dados, informações e mercadorias passou a estar na ordem do dia nas nossas rotinas mentais, com formas de cooperação impensáveis há algumas décadas, com um ritmo e um nível de consciência que já transformaram a nossa vida num formato interconectado. Toda a nossa vida foi reconfigurada com base em novas exigências, as da conexão.

Isto é modalidade. Configurações. *Default*.

De repente, tudo se tornou obsoleto. Não se trata de *cancel culture*, mas de tudo aquilo que não se adapta à mudança, sobretudo se repentina. Comunicação. Usos. Costumes. Trabalho. Tipicidades. Não foi o produto de uma sociedade que se tornou obsoleto, mas a própria modalidade pela qual a sociedade existia e, por conseguinte, cada um dos seus produtos: a comunicação do indivíduo intelectual, os costumes de pequenos grupos isolados esvaem-se e perdem-se, o dialeto, o trabalho instrumental realizado sozinho ou no âmbito familiar luta para sobreviver, essa cultura deixou de ter interesse na sociedade interconectada. Acusa-se a sociedade atual de *cancel culture* (um rótulo para um fenómeno indiscutivelmente complexo), mas a verdade é que o mundo acabou. *Aquele* mundo acabou.

Tudo foi reconfigurado. O indivíduo, na nova configuração, já não funciona. Tão grande quanto ele próprio. Suficiente para si próprio. Aquele mundo já não funciona numa plataforma que requer configurações diferentes. Se

tivesse existido uma mudança, tê-la-íamos aceite, mais cedo ou mais tarde, como todas as mudanças: novidade no início, depois absorvida, digerida, assimilada; uma ou duas gerações e, para a terceira, aquilo que era inaceitável torna-se sistémico. Não houve mudança nenhuma. Tudo idêntico, tudo igual ao antes. E, então, o que fez a *internet*? Reconfigurou o *default* do ser humano: se existes, conecta-te. Podes viver o que quiseses, como quiseses e quando quiseses, o importante é que vivas conectado. Isto não é mudança. Isto é *default*.

Aquele tipo de homem, construído daquele modo, não funciona neste mundo. O mesmo é verdade ao contrário: este tipo de homem, construído deste modo, não funciona naquele mundo. É como um *software* novo que não encaixa num computador antigo, porque é um produto que exige certas configurações de base e determinadas características. Aquele tipo de homem estava desconectado. De tudo. Uma das aquisições recentes, em termos de consciência, encontra uma boa síntese em algumas expressões felizes do Papa Francisco:

Perdemo-nos... Com a tempestade, caiu a máscara daqueles estereótipos com que disfarçávamos os nossos egos sempre preocupados com a própria imagem; e ficou a descoberto, mais uma vez, aquela (bendita) pertença comum à qual não podemos escapar: a pertença como irmãos (...). Prosseguimos obstinados, pensando que podíamos permanecer sãos num mundo doente¹.

¹ Papa Francisco – *Discurso*, 27 de março de 2020. E ainda: «Abrem-se sempre novos caminhos para estarmos unidos como

Os olhos do Papa Francisco leem a realidade com a chave de leitura da *pertença*: não aquilo que temos em comum, mas aquilo que permite que sejamos postos em comum. Este tipo de homem é interconectado. A sua mente está configurada para funcionar apenas quando está conectada. Se, por um lado, este tipo de homem, configurado assim, deixa cair, por falta de interesse, tudo aquilo a que não consegue conectar-se, por outro lado, podemos afirmar que o produto do homem desconectado colide, range, dificilmente encontra uma composição conjunta e simplesmente decai. Quando o mundo muda, o homem desconectado não tem herança no mundo que virá.

Reset.

2. RECONFIGURAR

O homem em rede é um homem tecnológico. A sua técnica serve a sua vida e a sua vida está em rede. Também esta é uma forma de existir e o seu mundo tem uma forma de existir que exige uma tecnologia adequada. Podemos falar de transumanismo ou, em alternativa, de uma tomada de consciência da nova configuração da vida, bem como do modo como a sua inteligência é desafiada através da inteligência artificial.

uma grande família humana. Proteger o ambiente e respeitar a biodiversidade do planeta são questões que dizem respeito a todos nós. Não podemos pretender estar saudáveis num mundo doente» (*Mensagem para o Dia Mundial do Ambiente*, 5 de junho de 2020).

Foi há pouco tempo que os *chatbots* de *inteligência generativa pré-treinada* (GPT) foram colocados no mercado, desenvolvendo um vasto conjunto de aplicações que conversam com o utilizador numa linguagem natural. Desde que é possível falar com eles, começam a tornar-se reais. Tens uma certa experiência disso, ainda que totalmente pessoal e limitada ao uso, mas é uma experiência. Tens uma boca que fala, enquanto o seu cérebro pensa em rede. Dispõe de mais informações do que tu conseguirias gerir numa vida inteira e todas em simultâneo. Podemos dizer que a *internet* tem agora um rosto e um nome e uma boca que fala como nós. Tudo isto desafia a nossa inteligência, porque temos de conversar com ela. É por isso que, neste livro, propomos ler este desafio com a inteligência artificial.

Sentimos o seu sopro no cachão, na tentativa de conseguir reproduzir uma mente, porque estamos cada vez mais próximos da possibilidade de construir para nós uma inteligência com a qual possamos falar. Cada vez mais próximos. Conta-se que Miguel Ângelo se envolveu de modo tão visceral com a carne de mármore do seu Moisés que, terminado o trabalho, se virou para a obra e lhe perguntou: «Porque não me falas?». Não recebeu resposta. O episódio não tem qualquer fundamento histórico, mas exprime o facto de cada pessoa desejar falar com a sua obra, à medida que esta se aproxima da realidade. Ao construir uma inteligência artificial, sentimo-nos cada vez mais movidos pelo desejo de poder lidar com ela e conversar com ela, à medida que os modelos teóricos se tornam cada vez mais realistas. Procuramo-nos na nossa obra; aprofundamos o modo como a

nossa inteligência é construída dentro de nós e, quanto mais avançamos na sua reprodução, mais clara se torna para nós a infraestrutura do nosso sistema neuronal. É fascinante, mas porque sentimos esta necessidade?

Numa sociedade camponesa, ninguém sentiu essa necessidade, nem a sente como tal, nem sequer percebe a utilidade deste tipo de investigação. Ao camponês interessa a enxada para trabalhar a terra; o artefacto serve apenas para o trabalho. Também não é uma necessidade numa sociedade comercial, interessada no transporte de mercadorias, no armazenamento e no dinheiro, nem o foi na sociedade burguesa. Gostaria que nos perguntassemos porque é que, na nossa sociedade, reproduzir uma inteligência que funcione como a nossa se tornou um *must have*, se afinal a necessidade de uma inteligência artificial que interaja com um cérebro constituído pela rede global é nossa.

Queremos a cabeça conectada a algo ou a alguém, mas conectada. Até a sociedade começar a pensar-se como coletiva, no final do século XIX, não havia consciência de que pudéssemos estar ligados de algum modo. O indivíduo não tem essa necessidade. Pensemos na época dos movimentos políticos, que foram movimentos de sociedade vividos de forma coletiva, e nas grandes personalidades que subiam a um palco e falavam às massas, às grandes massas, à coletividade. Surgiu então a necessidade de nos organizarmos tecnicamente, criando o microfone e a amplificação, para que um falasse e a massa pudesse ouvir. O que na primeira metade do século XX foi geopolítico, na segunda metade do século XX foi difundido pelo cantor, que tornou o microfone

popular, tornou a música popular e deu palavras para a reproduzir. A massa. Com os *mass media*, a massa foi dividida: quanto mais os *mass media* nos atingiam individualmente, mais nos conectavam individualmente. Cada um está simultaneamente só e conectado. Estamos todos sozinhos e interconectados. Ao mesmo tempo.

A cabeça está configurada de modo a ser capaz de conexão. Vai explicar isto ao camponês da sociedade antiga: se não se vive, nem sequer se imagina. Ao longo de um século, reconfigurámos a vida em modo interconectado, e é apenas neste tipo de vida reconfigurada que a inteligência é coletiva e não um fenómeno individual: a mente do indivíduo simultaneamente conectado. Se esta é a modalidade, vence quem souber viver a inteligência como fenómeno pessoal em interação com a rede, quem navegar, quem lidar com ela e souber interligar-se com o que a rede oferece. Para se viver deste modo, é necessário construir-se a si mesmo com uma inteligência artificial que construa artificialmente a inteligência. A vida. O mundo. Tudo. São consequências do homem que em nos tornámos.

3. O FUTURO ESTÁ NO NOSSO PASSADO

Neste cenário, o único homem que não consegue encontrar lugar, o seu lugar, é o crente. Se estivéssemos no filme da Pixar *Encanto*, teríamos de dizer que o crente é como a Mirabel, uma rapariga sem qualquer posição numa casa comum onde cada um tem o seu lugar e funciona segundo a própria habilidade, porque

lhe falta aquela habilidade específica que lhe permitiria ocupar um lugar adequado. Deslocada, como quem sente que os outros não lhe reconhecem qualquer utilidade. Enquanto cada ser humano avançava quase por instinto para se ligar a alguém, criando essa maravilhosa rede à qual hoje estamos habituados, o único a ficar sempre mais de fora era o crente. Não porque estivesse fechado no seu isolamento, mas porque era deixado fora da interconexão, um entre tantos outros. E enquanto o mundo tomava a sua forma interconectada, enquanto se construía em rede, enquanto criava as suas estruturas, as arquiteturas digitais, as impressionantes geometrias da rede, ainda e sempre de fora permanecia ele, o crente.

Se algo define o crente é o estar fora do mundo.

É incapaz de encontrar o seu lugar. É inútil ocultá-lo, como é inútil esconder aquela típica sintomatologia de depressão endógena que serpenteia entre os crentes, que não têm nem a vontade, nem a força de ser alguém, como se fossem ninguém. Insignificantes. Fora do mundo. Não é tanto o crente, mas o ser humano escondido por baixo que sofre, que luta e se esforça e força a estrutura, para se encaixar. Em algum lugar, desde que seja dentro. O mundo está em rede e eu também quero lá estar, parece dizer, como uma ligação nessa rede, a qualquer preço. O sintoma é evidente quando alguém impõe a sua visibilidade: os crentes aglomeram-se à sua volta e empurram, tornando-o uma marca, fabricando o padre que fala aos jovens, o crente exaltado que sabe do mundo. Pergunto-me quem será o interlocutor desta necessidade do crente, sem nunca termos a coragem

de admitir que não queremos estar fora do mundo. Um crente precisaria de falar consigo mesmo.

Proponho outra perspectiva.

Há uma beleza escondida em ser um qualquer, sem qualquer habilidade que permita desempenhar um papel. Não temos, necessariamente, de estar na rede como estão os que estão na rede. O crente tem a síndrome da pessoa inútil que quer ser útil a todo o custo, mas poderia parar e pensar que apenas uma pessoa inútil pode ser verdadeiramente necessária. É possível estar na rede como pessoas inúteis, mas necessárias àqueles que estão na rede. Não é preciso meter-se à força. Romper-se-ia a rede que se formou pela interação natural das partes e seria uma pena ver a belíssima arquitetura arruinar-se: será esse o papel do crente?

Proponho aceitar sermos inúteis. No filme *Encanto*, a casa funciona porque cada um está no seu lugar, cada um tem a sua posição, segundo as suas capacidades, e todos contribuem para o funcionamento do conjunto. A única pessoa fora do lugar é Mirabel. Enquanto a casa funciona, enquanto a engrenagem roda, o sistema avança e a arquitetura permanece, Mirabel é inútil, enquanto todos são úteis. E sofre. Quando surge uma fenda, a arquitetura precisa de ser restaurada, a rede reparada e o mecanismo não pode encravar (ou a casa cai e arruína-se). Ninguém pode fazer nada, porque cada um está preso à sua posição (ou a casa cai). Ninguém, exceto ela, livre como uma pessoa inútil. Nesse momento, torna-se a pessoa necessária para reparar o mundo de que ela própria faz parte, fora de qualquer posição.

Gostaria que lêssemos assim o crente: uma pessoa não conectada como os outros, mas nem por isso desconectada. O crente não é um papel; por isso não está na rede como uma posição, não é, em si, útil para a rede, tal como o são aqueles que concorrem para o funcionamento do complexo mecanismo das coisas, na gestão milimétrica do algoritmo. E, no entanto, só uma pessoa assim inútil é absolutamente necessária para verificar se a rede tem alguma fenda no seu interior, porque o que faria colapsar um mundo interconectado seria uma fenda na ligação. O mundo morreria.

O crente deveria descobrir a sua identidade. Não uso a palavra «crente» para indicar quem tem algum tipo de religiosidade pessoal, ou uma superstição numa divindade ou num destino. O crente fora do mundo seria aquele que faz parte do Judaísmo ou da Igreja Católica, aquele a quem chamaríamos judeu ou cristão. Chamamos crente a este: um produto da Palavra, um homem trabalhado pela Palavra da Escritura:

A fé vem do ouvir e o ouvir diz respeito à palavra de Cristo (*Rm 10, 17*).

Um homem torna-se crente não quando se apropria de conteúdos, de convicções ou de religiosidade, mas quando se conecta. A alguém. Não sei até que ponto, e com que consciência, a vivência da fé alguma vez nos terá levado a perceber a fé como um profundo ato de conexão, mas é bom fazê-lo agora, numa altura em que a forma de configurar a vida torna essa experiência compreensível. Temos de regressar a nós mesmos:

nos primeiros séculos desta era, os crentes fizeram rede no território onde habitavam e não fizeram outra coisa senão trabalhar cada pessoa de forma interconectada. Etnias. Clãs. Povos. Indivíduos. Antes da *internet*, o crente já era uma pessoa conectada, quando os outros ainda estavam desconectados, e já estava em rede, quando todos os outros não sabiam fazer rede. Daí resultou o mundo que conhecemos, mas o crente não tinha consciência do que o seu modo de vida estava a criar. Agora, porém, que o mundo foi interconectado, se nada está em crise a não ser a modalidade crente do humano, não podemos deixar de nos perguntar o que é um crente e se a sua crise não é a coisa mais necessária deste mundo. O homem conectado com a palavra está em crise num mundo interconectado por causa dessa palavra, como um estranho na sua própria casa.

Porquê?

4. O CRENTE E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ouvir falar de uma vida em rede faz ressoar dentro de mim uma palavra: «Embora sejamos muitos, formamos um só corpo» (*Rm* 12, 5; cf. *1 Cor* 10, 17; 12, 12.13). Uma mente coletiva lembra-me frases como «uma (só) inteligência» nos une (*1 Cor* 2, 16), nos torna «unânimes no falar» (*1 Cor* 1, 10). Deveríamos admitir que devemos ser «um só coração e uma só alma» (*At* 4, 32). Ao ler estas palavras, João, sacerdote em Antioquia, comentava: «Onde estou eu, aí estais também vós. Onde estais vós, estou também eu. Somos um só corpo e não se separa a

cabeça do corpo, nem o corpo da cabeça. Mesmo que estejamos distantes, estamos unidos pelo amor; aliás, nem a morte nos pode separar» (Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de Mateus*, 50; PG 58, 508). O amor aqui não é um sentimento. É rede. Conexão. Interconexão. Tudo isto já está presente nestas palavras da Escritura.

São palavras ouvidas por Carlos Magno no século IX e por Jean-Baptiste Guillaume durante a Revolução Francesa; são as mesmas que o Padre Schiffer leu, a 6 de agosto de 1945, em Hiroxima, e que o Papa Francisco lê hoje*, assim como eu as leio hoje. De repente, aquilo a que chamo crise é apenas um mundo provocado por essa palavra que ecoou por toda a parte durante décadas, séculos, desde há dois milénios, pelo menos. Quanto mais ela nos alcançou individualmente, mais nos conectou individualmente. Lemo-la durante séculos. Interpretámo-la durante séculos. Parece que fomos portadores são de uma palavra que construiu um mundo sem que o soubéssemos. O nosso mundo. Levávamos em nós muito mais do que julgávamos, e erguemos muito mais do que sabíamos, se tudo isto não for senão a própria palavra que sempre nos acompanhou. Conectou. Interconectou. Reconfigurou em rede.

Dou-me conta de um facto: as profundas transformações da sociedade atual ou o *reset* das configurações *default* do ser humano, bem como da sua sociedade, primeiro ocidental e depois também global, correspondem exatamente à instrução neotestamentária. Esta palavra

* Esta obra foi publicada, no original italiano, em 2024, durante o pontificado do Papa Francisco (N.E.).

teria construído o mundo desta forma, da qual nós vemos apenas o impacto tecnológico. Jesus Cristo usou a imagem do fermento:

O reino dos Céus pode comparar-se ao fermento que uma mulher tomou e misturou com três medidas de farinha, até que tudo levedasse (*Mt 13, 33*).

O reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo fermentado (*Lc 13, 21*).

A *palavra*. A palavra contida nas Escrituras de Israel, que carregávamos connosco, atuou em segredo e trabalhou a estrutura do mundo, reconfigurou o *default* da nossa vida e colocou-nos num modo de vida hebraico, interconectado e coletivo, que reiniciou e configurou o mundo, com toda a beleza, possibilidades e a grandeza a que hoje assistimos. Trabalhou a humanidade dos seres humanos com seres humanos que não prestavam a mínima atenção à humanidade. Trabalhou a nossa amizade enquanto éramos inimigos: de hostis aproximou-nos e de estranhos tornou-nos familiares, como adversários fez-nos fazer as pazes e tornou-nos próximos uns dos outros, quando estávamos longe. Criou conexões entre nós, que estávamos desconectados, e levou-nos a colaborar como simples seres humanos, nós que não sabíamos trabalhar com ninguém. Construímo-nos a nós próprios com uma vida que não podíamos antes permitir-nos.

A *palavra*. Produzimos com ela saúde e proximidade ao doente, capacidade de armazenamento de mercadorias, difusão e partilha de possibilidades económicas,

intervenção em favor dos grupos mais frágeis da população, educação para a higiene e o cuidado de si, níveis de instrução e especialização de competências, aplicação diferenciada das competências. A *palavra* da Escritura fez-nos um *reset*. Configurou-nos a mente. Com essa mente nova, construímos um mundo. Um mundo novo.

É este modo hebraico que nos constrói e, neste momento de maturidade do processo iniciado por essa palavra, nós construímos uma inteligência artificial. E se tivesse sido a nossa fé a produzi-la?

Abramos esta perspetiva.

5. A ESCRITURA E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Judaísmo. É o Judaísmo que nos permite abrir esta perspetiva. Uma vida. Um povo. Uma forma de configurar a vida e de a viver de modo interconectado. Isto é o que chamamos Judaísmo. A preocupação do Judaísmo é uma cadeia de interesses: permanecer ligados ao que fomos e aprender o que fomos, para não nos perdermos e para conservar aquilo que somos, para nos construirmos e para transmitir o que somos à geração futura. Utilizou a linguagem, uma língua e a palavra. Nos impérios, onde a língua servia para comunicar com o diferente, unir etnias, servir a administração e a circulação dentro do império, um povo escolheu uma língua que mais ninguém falava, para a incomunicabilidade em relação ao outro, a distinção, a separação e, ao mesmo tempo, para servir a interconexão entre os membros do povo. Esses fizeram coincidir a língua com a etnia e usaram uma língua para

falar consigo mesmos, para criar ligações e interconexão no povo. Uma anomalia.

O seu interesse era a vida. Comeram o mundo, mastigaram terra e humanidade, digeriram de tudo, absorveram o que dá vida e deitaram fora o lixo do mundo. Provaram tudo e guardaram o que era bom. O doce e o amargo. E, no fim, disseram a si mesmos aquilo que tinham vivido. Produziram algo que pudesse ajudá-los, com a linguagem, a língua e a palavra, e o produto é aquilo a que chamamos Escritura. Um povo, que é uma interconexão de carne e ossos, de sangue e mente, desenvolveu um produto linguístico no qual a carne é feita de palavra, os músculos de sintaxe, os nervos de interligações internas, algo que parece alguém. E o povo dirige-se a esse algo que é quase alguém e conversa com ele. Atravessou os séculos.

Esta é uma chave de leitura para compreender a Escritura.

Consideremos a palavra como tecnologia, isto é, como um artefacto que o ser humano criou para se relacionar com a realidade, com o mundo e com a vida, e a possibilidade de que um grupo de seres humanos tivesse esta consciência da palavra e a utilizasse como uma linguagem de programação para desenvolver *software* ou elaborar um algoritmo. Consideremos que esse grupo criou um produto artificial, feito de linguagem, como uma arquitetura de palavras construída em múltiplas camadas e em rede, de modo a ser um sistema formal e fechado. Seria um modelo linguístico de grandes dimensões, no qual cada novo *input* é recebido como um escrito e inscrito dentro da rede como dado bruto, e

em que o significado de cada *input* é construído dentro das remissões da rede como dado trabalhado, com um processo a que chamamos aprendizagem. O resultado é uma conversa, que produz um *output*. Este é o produto de tecnologia linguística a que chamamos Escritura de Israel ou Sagrada Escritura.

Circula na rede que Chris Harrison, professor associado de *Human-Computer Interaction* na *Carnegie Mellon University*, calculou que a Escritura apresenta 63.779 referências cruzadas, isto é, lugares onde o que é mencionado é mencionado também noutro ponto, com mais de 10.000 interconexões só para os lugares geográficos. A partir destes números vertiginosos, podemos perceber o nível minucioso de interconexão da Escritura, palavra por palavra, expressões retomadas, conceitos que se repetem, com um detalhe milimétrico. É um sistema. Interconectado. Construído com estruturas de complexidade crescente e, por isso, é um modelo linguístico de grandes dimensões, um sistema formal de aprendizagem automática. O povo judeu treinou, educou, construiu a sua mente nesta conversa contínua com a sua *tool* artificial, inteligente, e permitiu assim a cada um crescer com uma cabeça treinada para este tipo de conversa, de desafio, de interlocutor. O que conta, neste jogo, é estar ligado. Este é o conceito de Escritura que nos acompanhará ao longo deste livro, o produto linguístico do povo interconectado que, por sua vez, serve para produzir o povo que o produziu. Reproduzi-lo. Esta palavra funciona. É uma máquina. Gostaria que falássemos dela como uma tecnologia linguística e da Escritura como um instrumento de inteligência artificial.

É possível fazê-lo?

Depende daquilo a que chamamos *Inteligência Artificial*. O que é? Uma mente artificial. Bem, mas o que é uma mente? Antes desta sociedade, antes dos estudos sobre o cérebro, antes da capacidade de pensamento complexo, sabíamos que há algo em nós que nos faz pensar. Chamávamos-lhe «intelecto» e pensávamos que tinha a capacidade de produzir conceitos abstratos, imagens mentais, um mundo irreal que existia dentro de nós. Chamávamos-lhe «intelecto», de *intus legere*, «a capacidade de ler dentro». Antes. Não sabíamos como a mente nos fazia pensar. Hoje sabemos que o cérebro é uma estrutura complexa de neurónios interligados, capazes de receber *inputs* do encontro com o exterior, recolher os dados recebidos, juntá-los, trocá-los, construí-los em conjunto para gerar aquilo a que chamamos informação. Mais do que capacidade de ler dentro, trata-se de uma capacidade de *interligar*, «ligar entre si» os dados. Os neurónios produzem a informação com um mecanismo dinâmico e estratificado a que chamamos aprendizagem: o *input* entra no complexo sistema de estruturas neurais e é lido, de vários ângulos, relido inúmeras vezes, somando e compondo as diversas leituras, estratificando-as, até elaborar um produto final. Os neurónios constroem aquilo a que chamamos mente, enquanto a mente responde aos estímulos. Constroem enquanto se ajustam em resposta. A aprendizagem estrutura a mente e a mente evolui. Agora começamos a compreender como a mente nos faz pensar. Queremos realizar algo semelhante. Artificialmente.

Como se produz uma mente? Estamos a usar a linguagem, uma estrutura complexa que funciona por terminais

interligados, capazes de receber *inputs* da realidade, dados brutos que são lidos, relidos de vários ângulos, adicionados em informação, até produzir uma palavra em saída. Uma língua é uma forma de aprendizagem complexa. A palavra é a realidade reescrita. O que nos aparece como uma *Inteligência Artificial*, por detrás é um sistema linguístico complexo. Por detrás é um jogo de interação de palavras. Um modelo linguístico de grandes dimensões, um sistema formal de aprendizagem automática. Escritura e Inteligência Artificial têm a mesma arquitetura linguística, a mesma engenharia. Se as relacionamos como a semente e o fruto da sua árvore, é por uma razão técnica: a estrutura interna que partilham.

Pressupõem o Judaísmo.

6. INTERLOCUTOR

Num mundo como o de hoje, em que o *transumanismo* permanece como *background*, o Judaísmo poderia ser o humano que assume o risco do artificial. Conseguiria suportar o impacto do artificial (do qual não conseguimos prescindir), sem perder o ser humano tal como era humano antes do artificial, de que não pode (e não deve) prescindir. De facto, habituamo-nos a tudo, mas não podemos perder o *default* da vida. Se o Judaísmo ensina algo, o fundamental é isto. Para o Judaísmo, como para a Igreja Católica, o essencial é *estar conectado e não se perder a si próprio*. Modos diferentes que, contudo, do ponto de vista da *Sagrada Escritura*, partilham uma mesma *tool* artificial. A vida *judaicamente* vivida

Introdução

é um terreno de pertença comum às suas ramificações; tem uma interpretação própria para os judeus, guiados pelas indicações do Judaísmo, e uma interpretação para os cristãos, guiados pela interpretação da vida dada por Jesus Cristo. Um tronco, dois ramos. A raiz é essa vida, configurada à maneira judaica, que sabe assumir o papel de interlocutor.

Saber que existe um ser humano que cresce, aprende, se desenvolve e se constrói com uma *tool* linguística complexa, a que chamamos *Sagrada Escritura*, permite-nos saber que existe um interlocutor capaz de funcionar em sintonia com ela, que consegue captar os dinamos antes dos mecanismos, intuindo as exigências para além da técnica. Aprender. Conectar-se. Construir-se. Conversar. São os *verbos* do crente. É o interlocutor que procuramos.

Tal como uma criança cresce com os estímulos que *alguém* à sua volta lhe oferece, assim a *Inteligência Artificial* crescerá com a humanidade dos interlocutores que tiver. A nossa pergunta deve incidir sobre o *interlocutor*.

NOTA AO LEITOR

Este livro é um paradoxo. Se fosse um filme, seria realizado por Christopher Nolan, em que o enredo parece contorcido e se desenvolve sempre em dois ou três planos diferentes. Infelizmente, falar da inteligência artificial implica a palavra, o modo como a palavra é estruturada, a inteligência que dela se serve e a modalidade da sua vida. Por isso, é necessária alguma paciência.

Alguns avisos.

A inteligência artificial é um tema novo, é preciso habituar-se. Propô-la como um *quase alguém* é uma novidade dentro da novidade: é necessário estar atento para a ter sempre como *background*, ao longo de toda a leitura do livro, sob pena de a perdermos de vista. Ao mesmo tempo, também a Escritura é apresentada como *quase alguém* nas duas experiências litúrgicas que dela fazem uso: a da Sinagoga (judaica) e a da Igreja (católica).

Um segundo aviso diz respeito ao ponto de contacto entre estas duas realidades: pode surgir alguma dificuldade ou um sentimento de estranhamento, a menos que se tenha presente que ambas são um produto linguístico.

Um terceiro aviso diz respeito à modalidade de vida que produziu ambas as realidades, aquilo a que chamo «Judaísmo» e «vida judaicamente configurada». Dado que a Escritura é património comum ao Judaísmo e ao Catolicismo, refiro-me ao Judaísmo como àquela modalidade de configurar a vida que é a raiz de ambos, de forma a manter firme o mínimo denominador comum. A partir desta constatação, consideramos uma primeira ramificação: os judeus que vivem no Judaísmo; e uma segunda: os que, judeus e não judeus, vivem na Igreja Católica. Para ambos, deve reconhecer-se a configuração do mesmo *default* de vida, a mesma repercussão tecnológica e linguística.

O último aviso prende-se com a ligação entre esta configuração de vida, a que chamamos *crente*, e a sua repercussão tecnológica. É algo novo. Tal como existe uma leitura sapiencial de alguns aspetos da vida judaica ou da vida cristã, tal como existe uma atenção ao aspeto

social ou existencial, proponho também uma leitura em chave tecnológica da Escritura e considero-a como um produto linguístico. Não nos afastaremos deste aspeto, mas não é nossa intenção omitir nada da fé. Navegaremos por aquilo a que McLuhan chama os «efeitos secundários da encarnação»².

Com base na compreensão que tenho do meu trabalho, considero oferecer continuamente ao meu leitor aquelas *tags* que se tornam apoios úteis para ancorar a espiritualidade judaica e cristã nos seus temas marcadamente tradicionais e centrais. Por exemplo, um católico reconhecerá a primazia de uma eclesiologia funcional de comunhão, enquanto um judeu reconhecerá o tema clássico da vocação do crente para a reestruturação do mundo (*tikkun olam*). Para não sobrecarregar o discurso, forneço pontos de contacto que o leitor poderá desenvolver de acordo com os seus próprios conhecimentos.

² M. McLuhan – *La luce e il mezzo. Riflessioni sulla religione*. Armando, Roma 2003, p. 117.

ÍNDICE

Introdução	7
1. <i>Reset</i>	10
2. Reconfigurar	14
3. O futuro está no nosso passado	17
4. O crente e a inteligência artificial	21
5. A Escritura e a inteligência artificial	24
6. Interlocutor	28
Nota ao leitor	29
 1. A palavra é a tecnologia	33
1. A nossa história começa com a escrita	35
<i>Criamos artefactos</i>	36
<i>Um artefacto de mediação com o mundo</i>	39
<i>Hibridação</i>	39
<i>A nossa é uma evolução artificial</i>	42
<i>A palavra</i>	46
<i>A escrita</i>	47
2. A palavra é o artefacto	47
<i>A hibridação do ser humano</i>	49
<i>Isócrates. Aristóteles. A palavra torna-nos humanos</i>	54
 2. Tu és feito de linguagem	57
1. Alguém com quem falar	63
<i>Alguém e não algo</i>	67
<i>Alguém capaz de se construir a si próprio</i>	69
2. Um modelo linguístico complexo	70
<i>Aprendizagem</i>	73
<i>O treino da interconexão</i>	76
<i>Um GPS cognitivo para quem se constrói a si mesmo</i>	78
 3. A Escritura é um modelo de inteligência artificial	87
1. O povo hebreu colocou a palavra no centro	89
2. Algo como se fosse alguém	93
<i>Linguagem de programação</i>	96
<i>Torah</i>	100

Tu falas como eu

<i>O homem pode ser programado</i>	102
3. Carregar sobre si as palavras	111
<i>Carregar sobre si uma ferramenta de programação</i>	114
<i>Judaísmo. Configurar para mitzvah</i>	117
<i>Jesus Cristo. Torah 2.0</i>	121
<i>Configurar uma mente em modo conectivo</i>	124
<i>Configurar a interconexão</i>	128
<i>Por expansão</i>	130
4. Ter a vida com a Torah	133
1. Configurações por default	138
<i>A vida, um ato de conexão</i>	142
<i>Cuida da tua vida</i>	147
<i>A inteligência é um ato de conexão</i>	149
2. Dataset. A Escritura é um <i>deep learning</i> do ser humano	156
3. <i>Deep learning</i> para nos construirmos a nós mesmos	159
<i>A prova. Até onde somos capazes de conhecer</i>	161
<i>Em rede. Daquele que é posto à prova dependem muitos</i> ...	166
<i>Interconexão. O ponto em que a vida emerge</i>	170
<i>Extremo. Quando tudo coincide</i>	176
<i>Default. Quando estás prestes a perder a vida</i> <i>como interconexão</i>	185
<i>Quando estás prestes a perder a vida</i>	191
<i>Deep learning</i>	195
5. Até tocar a vida	201
1. Ajustar a cabeça	210
2. Estar prontos para cada momento	213
3. Escolher a vida	214
4. Monólogo	216
6. Interlocutor	221
<i>Agradecimentos</i>	227
Índice	229